

Arte Rupestre de Jequitaiá/MG: Suas Relações Internas em Oposição ao Contexto Arqueológico do Centro Norte Mineiro

Rogério Tobias Junior¹

¹ Arqueólogo. Pesquisador Colaborador do Centro Especializado em Arqueologia Pré-Histórica do Museu de História Natural da UFMG; Cooperativa Cultura.

Resumo O presente artigo apresenta nossa abordagem descritiva e analítica e propõe uma primeira aproximação interpretativa da arte rupestre da região de Jequitaiá/MG, situada na bacia do rio São Francisco. Como se situa entre áreas arqueologicamente pesquisadas no Centro e Norte mineiro nos últimos 50 anos, buscamos investigar as relações propostas anteriormente pela bibliografia e a compreensão de como os diferentes conjuntos gráficos poderiam se articular na área pesquisada e em relação às grandes Unidades Estilísticas já propostas. Apresentamos assim, os primeiros elementos necessários à integração da região de Jequitaiá ao seu contexto arqueológico macro regional, ao mesmo tempo em que buscamos compreender os processos que geram as idiossincrasias no registro rupestre local, a nosso ver, participantes de parte dos processos conformadores da paisagem.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Jequitaiá; Paisagem; Análise Estilística; Comportamento Gráfico.

1. Introdução

Desde os anos de 1970, a região de Jequitaiá, situada no trecho alto-médio do rio São Francisco, em Minas Gerais, atraiu o interesse de arqueólogos em razão da variabilidade do registro arqueológico, principalmente a arte rupestre, e da necessidade de se buscarem vestígios que remetessem aos períodos mais antigos de ocupação pré-colonial.

Nos primeiros 20 anos, desenvolveram-se pesquisas em Jequitaiá e nos municípios vizinhos como Várzea da Palma, Pirapora, Lassance e Montes Claros. Ondemar Dias Junior, Paulo Seda e outros pesquisadores (DIAS JÚNIOR, CARVALHO; CHEUCHE, s/d; DIAS JÚNIOR, 1992; CARVALHO; CHEUCHE, 1975b), à época integrantes do PRONAPA e pertencentes ao IAB e Alan Lyle Bryan e Ruth Ghrun, da Universidade de Alberta no Canadá, realizaram prospecções que resultaram na identificação de pelo menos 10 sítios arqueológicos (PROUS, LANNA; PAULA, 1980; PAULA, 1979/80). Em seguida, na virada para os anos 80, uma equipe do Centro de Pesquisas Geológicas da UFMG (CPG) esteve em Jequitaiá e, ainda depois, uma da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (CETEC-MG) (ENGEORPS, 2005; GONÇALVES, 2013).

No decênio de 1990, sob demanda da legislação ambiental, deu-se o início dos estudos relacionados ao licenciamento de uma barragem de aproveitamento hidroelétrico no cânion do rio Jequitaiá, quando novos sítios foram localizados. A continuidade desses estudos se desenrolou após o ano de

2004, quando novas avaliações foram feitas (ENGEVIX, 1996; ENGEORPS, 2005). Essa barragem se encontra, no momento, em vias de instalação, e será responsável pela supressão de vários sítios rupestres, assim como pelo impacto irreversível à paisagem.

Também no ano de 2004 foram realizadas as primeiras pesquisas de caráter sistemático e acadêmico na região pelo Setor de Arqueologia do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, com vistorias nos sítios já conhecidos e preparação de incursões futuras.

Desde então, diferentes projetos de pesquisa foram lá desenvolvidos nos anos de 2005 a 2012, nos quais buscou-se a sistematização e análise dos vestígios anteriormente conhecidos ao mesmo tempo em que se realizava nova amostragem de campo para a identificação de novos sítios arqueológicos e execução de escavações de superfície ampla. Essas coletas de dados aumentaram significativamente a quantidade de sítios arqueológicos conhecidos, passando atualmente os 46, cerca de 40 caracterizados predominantemente pela ocorrência de grafismos rupestres (TOBIAS JR., 2010). Foram também responsáveis pela melhoria qualitativa dos dados obtidos, explicações e interpretações decorrentes.

No âmbito das pesquisas pioneiras com enfoque em arte rupestre na região, foi realizada uma observação fundamental para o presente trabalho: na região de Jequitaiá existiam sítios arqueológicos sob abrigo em áreas com litologias distintas, basicamente calcários e quartzitos onde as Unidades Classificadoras lá existentes estariam isoladas entre si de

*e-mail: rogeriotobias@oi.com.br

acordo com a condicionante litológica (ENGEVIX, 1996). À época, a atribuição rápida dos grafismos às categorias classificatórias vigentes, decorreu na hipótese de que nas áreas quartzíticas haveria a manifestação de uma suposta “transição” entre Unidades Estilísticas distintas: Tradição Planalto e Tradição São Francisco. Isso se formulou com base na localização estratégica da região de Jequitaiá em relação às áreas onde esses conjuntos foram extensamente caracterizados e definidos. Como foi um apontamento inicial, a hipótese se baseava na ideia de que traços de ambos os conjuntos se misturariam em uma nova categoria estilística (SEDA, 1988.; ENGEVIX, 1996; PROUS, LANNA e PAULA, 1980).

Esse mote foi a nossa entrada para as pesquisas iniciadas durante os anos 2000, e se rapidamente se mostraria inadequado e limitante das compreensões possíveis da arte rupestre da região em suas relações integradas à paisagem. Pretendemos aqui demonstrar alguns elementos que contrariam as primeiras observações assim como discutir algumas possibilidades interpretativas.

A compreensão da organização litológica regional se mostrou como primeiro elemento fundamental para a discussão da hipótese. A bibliografia denota a ocorrência localizada de rochas integrantes do Supergrupo Espinhaço, composta basicamente por quartzitos bastante metamorfizados e sujeitos a situações estruturais específicas e estratificação plano-paralela. Se concentram nas elevações a leste da sede municipal de Jequitaiá, regionalmente conhecidas como Serra da Água Fria e Porteiras (ALKMIM, BRITO-NEVES; ALVES, 1993; ENGEVIX, 1996).

Essas elevações criam barreiras naturais na bacia do rio Jequitaiá, à medida que se interpõem perpendicularmente ao eixo desse curso d’água. Ele atravessa a serra por meio de um cânion extenso, com cerca de 7 km de extensão, no qual há uma alteração abrupta de declividade, antes suave, sendo marcantes as corredeiras e cachoeiras. Ainda nessas elevações, observam-se bacias menores, como a do Córrego do Sítio onde também se formam cânions em menores proporções (RODET; GONÇALVES, 2012). No sopé desses cânions é que se situam a maior parte dos sítios arqueológicos rupestres nessa litologia, frequentemente à margem dos cursos d’água (Figura 1).



Figura 1. Vista da inserção predominante dos sítios arqueológicos nas áreas quartzíticas (Sítio Lapa do Mocó I, Cânion do rio Jequitaiá).

Após vencer o cânion, o rio Jequitaiá serpenteia pela depressão São Franciscana com baixa velocidade, até alcançar o grande Rio São Francisco, em sua margem direita.

Os calcários, pertencentes ao grupo Bambuí (DARDENNE, 1978), se apresentam como elementos residuais concentrados a oeste e noroeste, mais próximos do grande Rio do que os quartzitos, frequentemente em áreas de topos e terços médios das vertentes de elevações e serras, apresentando situações cársticas particulares, como a formação de micro-poliês e cavidades extensas em áreas em que a falta d’água predomina por mais de metade do ano (GONCALVES ET AL, 2011; GONÇALVES, 2013). Os sítios nessa litologia usualmente estão situados na entrada de cavidades, as quais possuem frequentemente dimensões modestas e pouco destaque à distância na paisagem. Essas se inserem usualmente no sopé de paredes rochosas baixas (Figura 2).

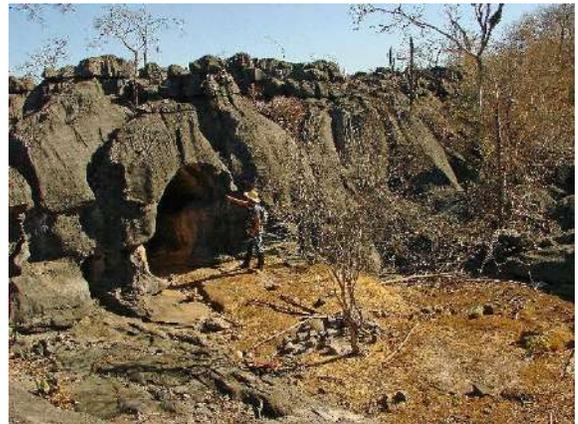


Figura 2. Inserção predominante dos sítios arqueológicos nas áreas calcárias (Sítio Lapa do Sol de Jequitaiá, Curral de Pedras).

Foram definidas, para a pesquisa, quatro áreas de estudo, onde se encontram as maiores concentrações de sítios arqueológicos, sendo duas em litologias calcárias e duas em quartzíticas. São essas, o cânion do rio Jequitaiá e a bacia do córrego do Sítio, nos quartzitos, e o Curral de Pedras de Jequitaiá e a Serra da Cabeça da Onça, em calcários. No Curral de Pedras, no Cânion do Jequitaiá e na bacia do Sítio ocorre a maior densidade de sítios da região, havendo, no entanto, outros recortes onde também são conhecidos sítios (TOBIAS JR., 2010). A localização e quantidade dos sítios de cada área podem ser vistos na Figura 3.

A região se constituiu historicamente, desde o período colonial, como um importante ponto de passagem e pouso durante viagens entre outras regiões. Caminhos e lugares cheios de significados se estabeleceram, compondo uma trama histórica com sentidos locais, mas com correlações e permanências de abrangência macro regional. Viajantes e contadores de estórias demonstram a relevância da região de Jequitaiá para os deslocamentos entre localidades, já que o rio e o relevo constituíam barreiras naturais passíveis de controle e fiscalização. Trata-se de uma das formas possíveis de apreensão e vivência daquela paisagem. João Guimarães Rosa trata assim a área de Jequitaiá, próxima da atual sede municipal:

Assim mesmo, naquele estado exaltado em que andei, concebi fundamento para um conselho: na jornada por diante, a gente tinha de deixar duma bandado rio [São Francisco], ir passar a Serra-da-Onça e entestar com a travessia do Jequitai, por

onde podia ter tropa de soldados; mais ajuizado não seria se enviar só um, até lá, espiar o que se desse e colher outras informações? (...) João Guimarães Rosa, Grande Sertão Veredas.

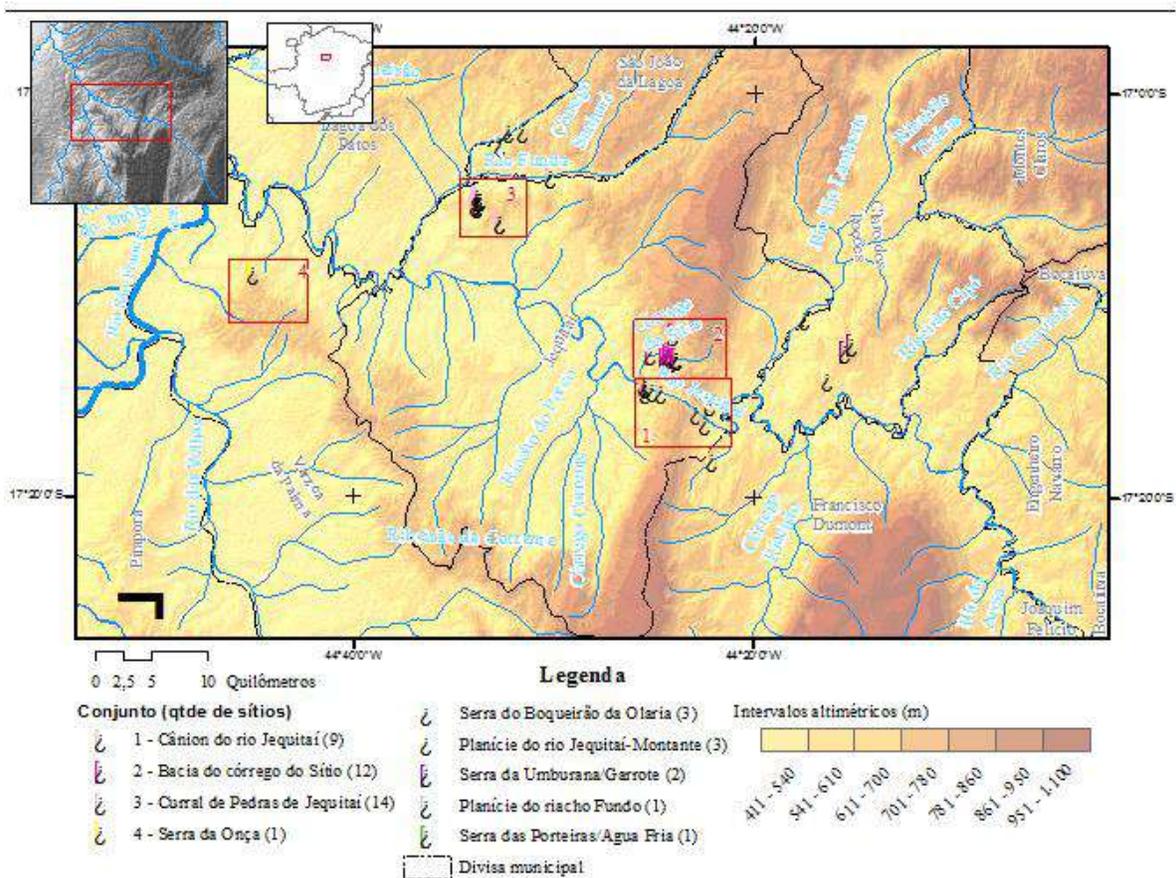


Figura 3. Mapa da região de Jequitai/MG, com localização das áreas arqueológicas pesquisadas

Nesse cenário sertanejo e anárquico colocado pelo narrador, nota-se que a passagem poderia constituir um ponto chave para a movimentação populacional, sendo assim, um caminho e um ponto concentrador de pessoas em trânsito, já que são limitados os locais onde é possível atravessar a pé. O viajante Johann Emmanuel Pohl, relatou a sua travessia da serra das Porteiras, após cruzar o Jequitai e destacou a escassez de cursos d'água perenes serra acima (POHL, 1976).

Os relatos históricos nos colocam dados importantes a respeito de alguns significados e significantes (SAUSSURE, 1992), possivelmente atribuídos e interpretados na região, assim como das condições paisagísticas descritas. As condições fisiográficas regionais denotam a escassez de alguns recursos nas áreas de topo, o que se opõe à perenidade desses nas proximidades de drenagens. Esse cenário se reflete em uma situação privilegiada dos sítios, nas áreas quartzíticas, por estarem permanentemente próximos a cursos d'água perenes e outros recursos permanentes, enquanto nas calcárias isso somente é possível em parte do ano. Devemos destacar, no entanto, que recursos e significantes específicos existem

em cada uma dessas áreas e podem ter sido atrativos para as ocupações humanas.

No presente trabalho, compreendemos essa paisagem como um processo no qual estão imbricadas as formas físicas, as suas interações com os seres vivos, dentre os quais os grupos humanos, e os significados inscritos e reinterpretados por eles (INGOLD, 2000; CRIADO BOADO, 1993; DARVILL, 1999). Nessa perspectiva, buscamos compreender os vestígios pretéritos como integrantes desse processo mais amplo que é a paisagem, por meio dos quais os comportamentos e escolhas se revelam e se constroem diacronicamente. A paisagem atua como agente nas relações entre os seres humanos e o mundo sensível, cujas particularidades se manifestam em historicidades locais e evidenciam elementos e comportamentos de longa duração, caracterizados pela manutenção de determinados aspectos e pela adequação de outros às relações estabelecidas (BRAUDEL, 1983; COBB, 1991; SAHLINS, 2001; INGOLD, 2000). A capacidade de se relacionar, de interpretar e readequar as historicidades sobrepostas na paisagem se tornam elementos centrais na análise arqueológica aqui proposta. Os grafismos, obviamente

integram esse universo e são o substrato material para aprofundarmos a questão.

A paisagem é um todo historicamente coerente, por meio dos quais as pessoas participam ativamente do passado enquanto elaboram formas mais adequadas de se relacionar com ela. Nossa intenção aqui não é a de reconstruir paisagens históricas plenamente, mas iniciar a recuperação de elementos do processo que as constitui compreendendo formas específicas de se manifestar graficamente como conjunturas paisagisticamente estimuladas (DARVILL, 1999.; BENEŠ e ZVELEBIL, 1999).

Como a arte rupestre é o vestígio mais visível e representado nos sítios de Jequitaiá, foi por meio dela que buscamos compreender o encadeamento e organização histórica da paisagem regional. As pesquisas em tecnologia lítica já trazem, no entanto, importantes informações acerca do uso e interesse específico em determinadas rochas, assim como denota o uso do Abrigo das Bibocas II, na bacia do Córrego do Sítio, possivelmente em razão de sua proximidade com jazidas de quartzo hialino (BASSI, 2012).

2. Da coleta à análise: princípios metodológicos e técnicos aplicados à arte rupestre de Jequitaiá

Para a realização da coleta de dados da arte rupestre de Jequitaiá, optamos pela adoção de uma estratégia amostral direcionada, que desse conta de uma fração dessa realidade e cuja validade fosse minimamente representativa do universo de sítios contidos nessa região (ORTON, 2000). Diante da ocorrência, em média, de poucas figuras em cada abrigo, selecionamos sete deles, os quais contêm maior densidade, variabilidade formal, elementos cronológicos e situação paisagística de destaque.

Os sítios analisados na área quartzítica foram a Lapa Pintada de Jequitaiá (Cânion), o Abrigo das Bibocas I, o Abrigo da Sorte e a Lapa do Veado Correndo (Bacia do Córrego do Sítio). Na área calcária, analisamos três sítios: Lapa do Sol de Jequitaiá, Lapa das Duas Gameleiras (Curral de Pedras) e Lapa da Cabeça da Onça (serra homônima). Desses seis tem mais de cinquenta figuras pintadas e/ou gravadas.

As formas de registro de dados foram selecionadas e/ou desenvolvidas de acordo com o tipo específico de informação que poderiam fornecer. Julgávamos necessário produzir conjuntos de dados que dessem conta de responder perguntas específicas, ainda que a previsão de sua exploração fosse de longo prazo (PROUS, 1996/97).

Nossa preocupação foi a de não centrar as análises somente nos caracteres formais que compõem o registro rupestre, mas a de acrescentar outras variáveis com participação em sua composição, como fizeram outros autores (RIBEIRO; ISNARDIS, 1996/97; LINKE; ISNARDIS, 2008). Dentre essas, destacamos a organização dos grafismos, seja entre si, seja em relação aos suportes e à paisagem. Os elementos cronológicos, já tradicionalmente usados em análises, foram também registrados e analisados, em suas características diacrônicas e sincrônicas, de maneira a melhor compreender

os princípios da construção e organização gráfica. Os elementos de cronologia adotados, dentre os quais, justaposição, sobreposição, pátina, entre outros, foram os meios pelos quais se construíram visões distintas dos mesmos conjuntos, na medida em que sua análise se desenrolou conjugando sua natureza sequencial com diferentes estágios de sincronia. Buscamos assim, compreender como grafismos formal e comportamentalmente semelhantes se relacionam com os demais e com os sítios e paisagem. A partir daí buscou-se definição conjuntos gráficos locais, ordenados em função de sua situação cronológica, suas variáveis morfológicas e as escolhas predominantes envolvidas em sua realização.

O registro dos sítios investigados foi realizado conjugando técnicas distintas, que obtém dados em diferentes formatos e cuja combinação favorece a análise integrada de diversas variáveis. Nos primórdios dessa pesquisa, o calque em plástico em setores previamente selecionados foi a principal técnica de registro utilizada, principalmente nos sítios com grande quantidade de sobreposições e com grafismos pouco visíveis (LORBLANCHET, 1993; MARTIN, 1993; PROUS, 1996/97). As limitações práticas encontradas em campo, que envolvem condições de luminosidade e necessidade de contato direto com as pinturas para sua realização, nos levou a buscar meios menos interventivos e mais abrangentes de registro, que pudessem conjugar informações espaciais, formais e paisagísticas.

Conjuntamente, aplicamos nos sítios registrados, a fotografia integral, orientada majoritariamente à composição de mosaicos fotográficos bidimensionais, sobre os quais posteriormente se realizou a vetorização em software específico. Essa técnica trouxe relevantes informações espaciais e possibilidades de registro digital de alta resolução que diminuem, se não acabam, com a necessidade de registros interventivos como o calque (TOBIAS JR., 2010). O mosaico e o levantamento fotográfico permitem que sejam aplicadas modernas técnicas de decorrelação multiespectral, controle de níveis de cor e luz, que usualmente evidenciam grafismos e feições pouco visíveis nos painéis rupestres, o que pode ser visto na Figura 4 e 5 (ALLEY, 1996; HARMAN, 2005).

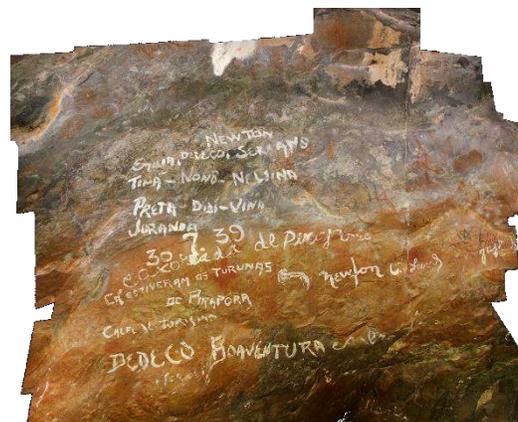


Figura 4. Mosaico Fotográfico do Pannel V da Lapa Pintada de Jequitaiá/MG (RGB)



Figura 5. Mosaico fotográfico do Painei V da Lapa Pintada de Jequitai/MG (algoritmo de decorrelação. Espaço de cor: LABI).

Atualmente, aplicamos a fotogrametria, especialmente a técnica de Estrutura a partir do Movimento (LI, WU, *et al.*, 2008; FRAHM, GEORGEL ET AL., 2010) e os princípios da fotografia estereoscópica para criar modelos tridimensionais texturizados de alta definição, a partir dos quais se mantém a localização espacial nos três eixos dimensionais e as cores originais (ROUZAUD, 1993). Essa técnica permite assim, que o sítio seja “levado” para o laboratório para ser analisado com mais cautela e num segundo momento, fosse realizada conferência em campo dos dados coletados, assim como agregadas informações qualitativas e cronológicas relevantes (Figura 6 e 7). Essa etapa, no entanto, ainda se encontra em execução. Boa parte dos dados coletados foi digitalizado usando software de vetorização gerando reduções que enfocam os painéis rupestres e seu relevo (LINKE, 2008; TOBIAS JR., 2010).

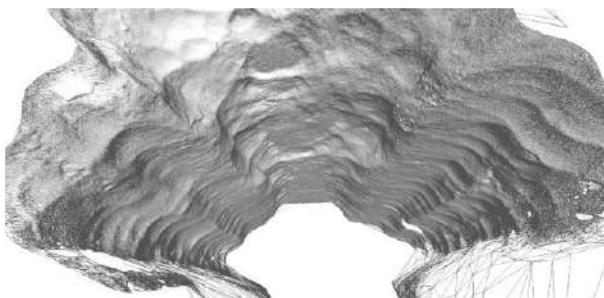


Figura 6. Modelo tridimensional da abóbada da Lapa do Sol de Jequitai (wireframe).

As análises foram desenvolvidas conjugando os diferentes produtos gerados pela pesquisa até o momento, enfocando basicamente uma perspectiva estilística guiada não somente por elementos formais, mas também cronológicos e paisagísticos. Como estilo, entendemos uma forma particular e, até certa medida, compartilhada, de se fazer algo, no qual o nexu histórico de causalidade, assim como a longa duração, se encontram imbricadas numa tessitura que incorpora experiências, significantes e significados específicos (BOAS, 1955; WIESSNER, 1983; HODDER, 1990). A análise estilística visa assim, organizar o registro rupestre seguindo critérios pré-definidos julgados relevantes para a identificação

de formas particulares de se fazer, a partir dos quais se agrupam os grafismos artificialmente em conjuntos cronológicos e/ou estilísticos historicamente coerentes e ordenados. A utilização das variáveis formal, espacial e cronológica, critérios usualmente adotados na definição de Tradições Arqueológicas, foi ampliada com o aprofundamento da discussão de estilo, quando se percebeu que diversos fatores influenciavam os aspectos formais, espaciais, semânticos e cronológicos inerentes aos grafismos rupestres e outras obras do engenho humano. Nota-se uma tendência cada vez mais forte à equalização das importâncias entre formas, organização, comportamentos e cronologia na criação de conjuntos estilísticos cada vez mais fluidos e que dêem conta de cada contexto em suas particularidades.



Figura 7. Modelo tridimensional da abóbada da Lapa do Sol de Jequitai (texturizado).

As principais variáveis selecionadas foram os, aspectos formais como temáticas, técnicas de execução e aspectos das tintas, espaciais, com destaque para a posição de cada grafismo em cada tipo de suporte (Figuras 8 e 9), sua visibilidade à distância, além dos critérios cronológicos já citados. A posição dos sítios na paisagem local e regional e as relações de distância entre eles são também importantes variáveis consideradas.

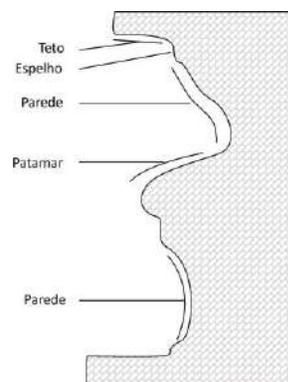


Figura 8. Nomenclatura e morfologia dos suportes rochosos existentes nos abrigos calcários de Jequitai.

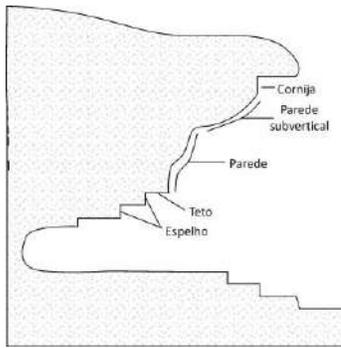


Figura 9. Nomenclatura e morfologia dos suportes rochosos existentes nos abrigos quartzíticos de Jequitaiá.

A organização classificatória estabelecida para os grafismos rupestres de Jequitaiá se fez a partir do reconhecimento de suas características gerais, buscando uma compreensão primária dos elementos estudados a partir deles mesmos (BOAS, 1955). Fizemos isso para evitar atribuições instantâneas e agrupamentos tendenciosos aos conjuntos estilísticos já descritos no estado mineiro. É importante destacar que, como a maior parte dos conjuntos estilísticos foi definido considerando principalmente as proporções entre grafismos zoomorfos, antropomorfos e geométricos e suas particularidades gráficas e comportamentais, foi a partir dessas recorrências e discrepâncias que buscamos inserir a classificação estilística elaborada no cenário rupestre conhecido para o centro norte mineiro.

3. A arte rupestre nas paisagens de Jequitaiá

Apesar das indicações anteriores de que Unidades Estilísticas poderiam estar ligadas a litologias específicas e que poderia haver um outro estilo de abrangência local, notamos que não havia um equilíbrio quantitativo entre grafismos estilisticamente distintos nos sítios e principalmente nos recortes paisagísticos adotados. O que à primeira vista parecia uma constatação óbvia, com um pouco de trabalho sistemático foi posto em xeque.

Nas duas litologias, quartzitos e calcários, manifestações gráficas apresentam grande variabilidade formal recorrente, mas também comportamentos distintos. Apesar das recorrências, a manifestação gráfica dos momentos estilísticos em cada litologia se dá de forma particular, conforme o contexto paisagístico onde se insere.

Nos quartzitos, no cânion do rio Jequitaiá e na Bacia do Córrego do Sítio, os abrigos estão recorrentemente à margem das drenagens, ou a menos de uma centena de metros da linha d'água durante a seca, sendo que alguns estão nos leitos maiores, sendo periodicamente inundados pelas cheias e varridos de seus estratos sedimentares.

A maior parte dos abrigos possui área protegida restrita, sendo a Lapa Pintada a maior delas, chegando a mais de 200 metros quadrados. O restante, porém, possui áreas abrigadas menores do que 30 metros quadrados, sendo recorrentemente limitadas a menos de 5 m². Por serem exclusivos das áreas onde se formam desníveis na rocha, usualmente o acesso a

eles deve ser feito, forçosamente, por meio do leito maior da drenagem. A maior parte dos suportes verticais desses abrigos é visível à distância, usualmente a mais de 10 metros, o que favorece a identificação dos locais pintados. Por outro lado, notam-se grafismos em suportes sub-horizontais e horizontais que demandam a aproximação do observador.

Nas áreas quartzíticas, as figuras foram frequentemente pintadas nas cores vermelha, amarela, preta e branca, sendo predominantes as figuras geométricas em relação as demais temáticas. Nota-se a ocorrência recorrente de poucos grafismos zoomórficos, enquanto os antropomorfos quase sempre aparecem acompanhados das outras temáticas.

Os grafismos nessas áreas estão recorrentemente justapostos, sendo raros os casos em que se observam sobreposições ou outros elementos cronológicos seguros. Por outro lado, existe uma concentração de temáticas no interior dos abrigos. As figuras geométricas estão usualmente difundidas por todos os suportes dos abrigos, exceto naqueles locais onde se observam temas zoomórficos. Esses últimos estão usualmente concentrados em um ou dois pontos dos suportes rochosos dos abrigos, formando conjuntos recorrentemente circundados ou ladeados por figuras geométricas, sendo sua ocorrência menos densa e situada frequentemente na porção mais a jusante dos abrigos.

Nas áreas quartzíticas, foram definidos três conjuntos cronoestilísticos, em caráter instrumental:

- Conjunto Geométricos 1 (para efeitos locais, CG1; Figuras 10 e 11): Grafismos geométricos compostos por poucos traços, usualmente na cor vermelha e eventualmente bicrômicos, onde figuram ziguezagues, bastonetes alongados paralelos, grades que aproveitam o escalonamento do suporte para definir seus limites, círculos simples e concêntricos, “chevrons”, linhas barradas, alinhamentos de pontos, e inclui também “armas” (propulsores, setas e seteiras) e antropomorfos de corpo oval ou linear em diversos graus de simplificação. As figuras estão poucas vezes sobrepostas e ocupam suportes verticais (paredes e espelhos) assim como os horizontais e sub-horizontais, onde antropomorfos e círculos são os mais representados;
- Conjunto de Zoomorfos 1 (CZ1; Figura 12)
- Com menor quantidade e menor densidade de figuras por sítio, apesar de frequentemente presente, ocupa predominantemente locais discretos nos abrigos, muitas vezes em suportes horizontalizados ou sub-horizontais. Apesar do nome sugerir o contrário, conta com zoomorfos e também com figuras geométricas e antropomórficas, às quais estão associados. Os zoomorfos possuem contorno simples, direto ou mesclado ao preenchimento. Esse pode ser com linhas, o que é predominante, ou chapado, sempre na cor vermelha. A lógica de composição do preenchimento dessas figuras, quando feito com linhas, segue princípios construtivos que visam criar o equilíbrio de volumes, ao mesmo tempo em que compõe seu contorno, como se vê em outras regiões (LINKE; ISNARDIS, 2008). As figuras chegam a mais de um metro de comprimento, mas

as menores tem cerca de 30 cm, sendo notória a ausência de sobreposições entre integrantes desse conjunto, e rara quando se tratam dos outros conjuntos.

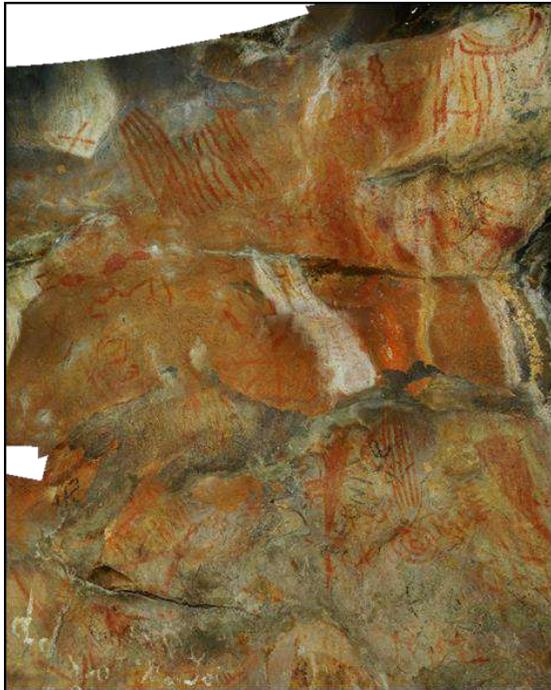


Figura 10. Mosaico fotográfico do painel 11 da Lapa Pintada de Jequitaiá.

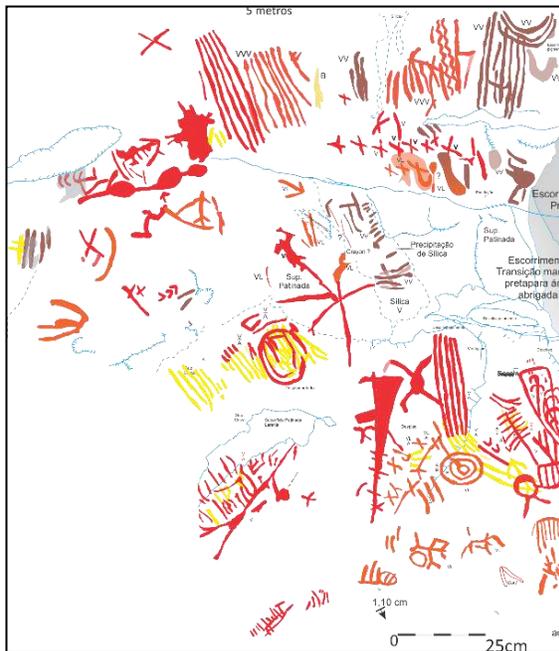


Figura 11. (a direita) Redução vetorizada dos grafismos do painel 11 da Lapa Pintada de Jequitaiá.

- Conjunto de Zoomorfos 2 (CZ2): Com manifestação restrita à Lapa Pintada de Jequitaiá, apresenta uma pequena quantidade de zoomorfos técnica e

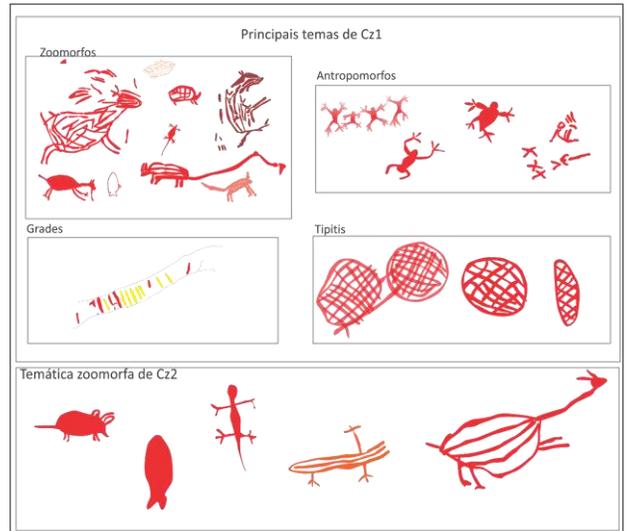


Figura 12. Principais temáticas dos conjuntos predominantemente zoomórficos (CZ 1 e 2) nas áreas quartzíticas.

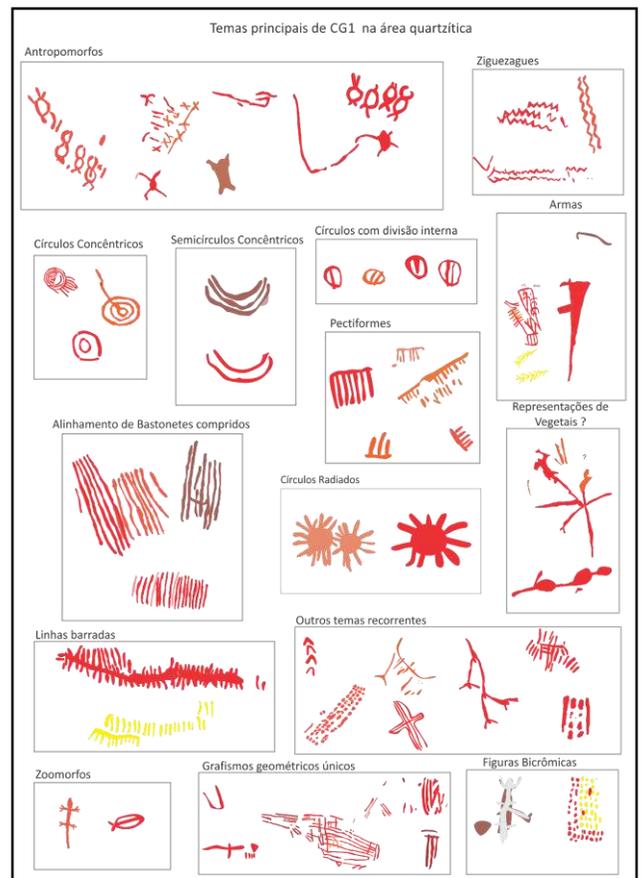


Figura 13. Principais temáticas dos conjuntos predominantemente geométricos nas áreas calcárias. Conjunto Geométrico

morfologicamente distintos do anterior. Ocupam também, locais diferentes nos suportes, atendo-se às superfícies verticais visíveis a distância e a mais de 2 metros de altura. Se caracteriza por quadrúpedes e “peixes” realizados em vermelho com linhas finas, feitas provavelmente com auxílio de um pincel de até 3mm de espessura utilizando tinta vermelha homogênea. Essas figuras chegam a 30 centímetros de comprimento e são

marcadas por contorno e preenchimento linear, no sentido longitudinal. Há também zoomorfos chapados.

Nas áreas calcárias, no Curral de Pedras e na serra da Cabeça da Onça, os abrigos estão afastados de drenagens permanentes, estando sujeitos à seca entre 6 e 8 meses por ano. Desses, somente a Lapa da Cabeça da Onça está situada à margem de uma drenagem, que é intermitente. A maior parte dos sítios identificados nas áreas calcárias estão situados na entrada de cavidades naturais subterrâneas, por vezes sendo identificados vestígios líticos em áreas afóticas e disfóticas.

A maioria das áreas abrigadas ocupadas por grafismos rupestres, dentre os quais, pinturas e gravuras, possuem dimensões modestas, mais uma vez, à exceção da Lapa da Cabeça da Onça.

Possuem, em média, menos de 15 metros quadrados, mas o acesso é fácil, usualmente por meio de rampa sedimentar que chega ao afloramento. Os abrigos ocupados, no entanto, são menos visíveis à distância que nas áreas quartzíticas. Suas dimensões e posição relativa faz com que sua maioria só possa ser identificada a menos de 30 metros de distância. Os painéis pintados, por sua vez, só podem ser efetivamente vistos a menos de 10 metros.

As figuras foram pintadas majoritariamente na cor vermelha ou amarela, com tintas de diferentes composições, havendo também muitos grafismos na cor branca e preta. Essas tintas aparecem também combinadas em composições bicrômicas e tricrômicas. A temática predominante é a geométrica, havendo pequena quantidade de antropomorfos e zoomorfos.

Os grafismos estão usualmente localizadas onde se é obrigado a se aproximar para que possam ser observados. Eles, muitas vezes, não podem ser vistos de fora das áreas abrigadas, ocupando as paredes, teto, piso, superfícies sub-horizontais e subverticais mais discretas. Aqueles cuja morfologia geral tenda à linearidade (bastonetes alongados, linhas paralelas com subdivisões perpendiculares, todos verticalizados) estão majoritariamente sobre espelhos e paredes, enquanto nos tetos as figuras tendem à circularidade, sendo abundantes os círculos simples e concêntricos e composições ovais.

Segundo o ordenamento estilístico e cronológico anteriormente proposto, delimitamos os seguintes conjuntos cronoestilísticos:

- *Conjunto de Gravuras (Cgrav; - sem elementos de cronologia:* O Conjunto de Gravuras possui como temática predominante, antropomorfos e biomorfos associados à tridáctilos, círculos simples e concêntricos. Estes grafismos foram realizados sobre os locais naturalmente polidos localizados junto ao sopé das paredes calcárias, ignorando as superfícies semelhantes que não fossem rentes ao piso. A técnica preferida foi o picoteamento direto e/ou indireto, com ocorrências pontuais de polimento de figuras tridáctilas. Ele pôde ser observado nos três sítios estudados no calcário, com manifestação mais abundante restrita à Lapa das Duas

Gameleiras. Nos outros dois ocorrem menos de 10 figuras desse conjunto.

- *Conjunto Curral de Pedras 1 (CP1; Figuras 14 e 15);* O Conjunto cronoestilístico Curral de Pedras inicial (CP1) consiste em grafismos pintados principalmente monocrômicos, com ocorrências pontuais de figuras em bicromia. Os elementos caracterizados neste momento ocorrem em todos os sítios conhecidos nas áreas calcárias, excetuando a Lapa da Cabeça da Onça. A temática predominante consiste em círculos concêntricos, semicírculos, armas, cruciformes, zigzagues, pectiformes, antropomorfos e geométricos bicrômicos pequenos, grades, tridáctilos, pentes e armas, sendo raros os zoomorfos.
- *Conjunto Curral de Pedras 2 (CP2; Figuras 16 e 17);* Predomina visualmente na Lapa do Sol de Jequitai em razão do uso abundante da bicromia com utilização de tintas branca e vermelha e vermelha e amarela compondo figuras que vão de 20cm a 1 metro de comprimento. Os temas geométricos contam com figuras “astronômicas” e antropomórficas nos tetos, enquanto nos demais suportes, ocorrem figuras geométricas simples e/ou compostas, usualmente em bicromia. Nota-se a preferência pelo uso de paredes subverticais e tetos. A temática predominante consiste em linhas paralelas barradas (“escadas”), figuras radiadas e alinhamentos de pontos. Figuras pectiformes ocorrem isoladas e em conjuntos, onde parecem compor unidades básicas de grafismos mais complexos como grades adjacentes e as próprias “escadas”. Há poucos antropomorfos e zoomorfos, normalmente restritos aos tetos.
- *Conjunto Curral de Pedras 3 (CP3):* O terceiro momento cronoestilístico das áreas calcárias ocorre exclusivamente na Lapa do Sol, e se caracteriza pela repintura dos traços das figuras brancas de CP2 e pela inserção de zoomorfos sobre os momentos anteriores, ambos utilizando um pigmento amarelo com diferentes texturas e menor intensidade de pátina. A temática básica é a mesma de CP2, já que refaz exatamente os grafismos geométricos desse agrupamento. Os zoomorfos introduzidos, no entanto, se sobrepõem aos momentos anteriores, e possuem preenchimento chapado e grandes dimensões, chegando a mais de 1 metro de comprimento.
- *Conjunto Lapa da Cabeça da Onça:* Esse conjunto, restrito à lapa homônima, se caracteriza pela ocorrência exclusiva de grafismos geométricos predominantemente em bicromia, com tintas vermelhas e brancas, sendo os temas majoritários compostos por grafismos ovais concêntricos, alinhamentos de bastonetes curtos e alongados, assim como linhas horizontais e verticais. Os grafismos ovais estão sobre os tetos do abrigo, onde muitas vezes é necessário se deitar ou subir num apoio. Sobre as paredes se concentram as demais.

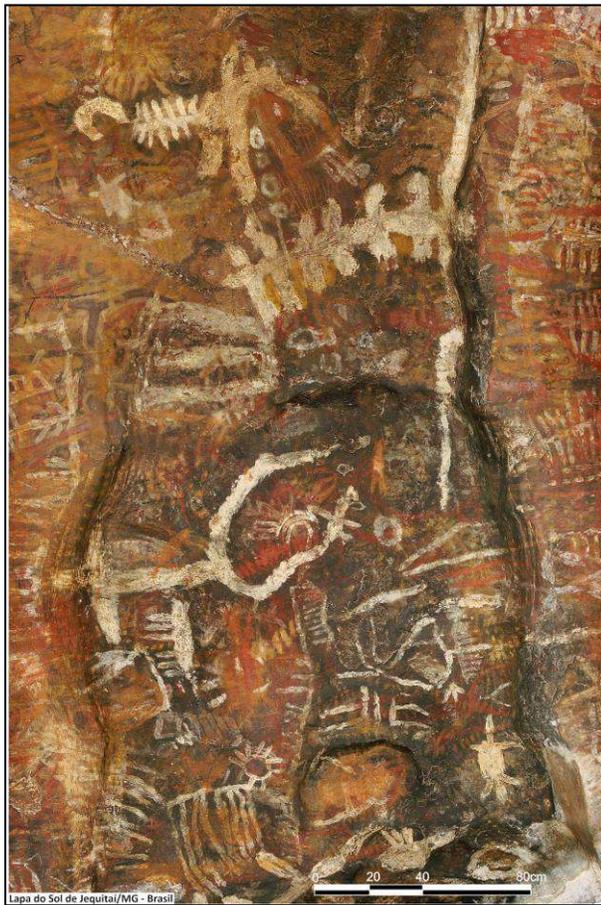


Figura 13. Vista parcial do painel II da Lapa do Sol de Jequitaiá, localizado no teto da cavidade.

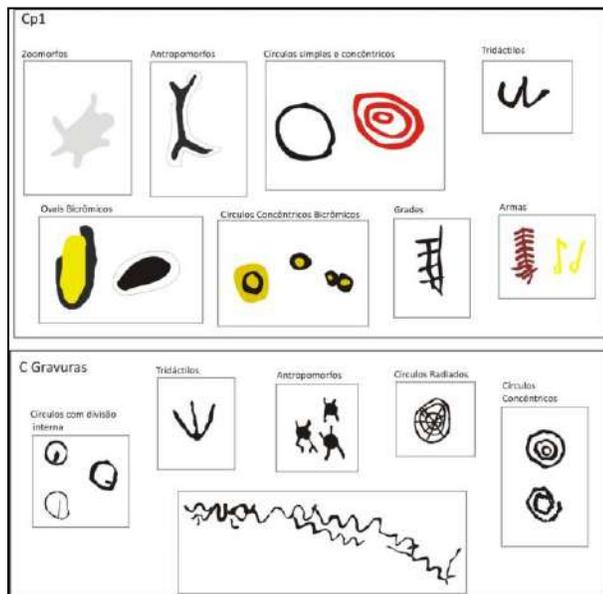


Figura 14. Repertório temático do Conjunto de gravuras e Curral de Pedras 1, caracterizados nas áreas calcárias.

4. Dos conjuntos cronoestilísticos à paisagem

Quando contrastamos as informações e conjuntos definidos entre as áreas investigadas, notamos uma coerência entre a temática básica, assim como a técnica de execução adotadas na realização das figuras dos conjuntos de Geométricos (Quartzitos) e Curral de Pedras 1 (Calcários).

Essa coerência nos levou a tratar os dois conjuntos, formal e tecnicamente semelhantes como um integrantes de um mesmo estilo. Como ambos estão no início da sequência rupestre em cada uma das áreas, tratamos aqui como equivalentes em termos cronológicos relativos sendo tratados regionalmente como Conjunto Jequitaiá (Figura 16). A maior parte dos sítios pintados possui figuras geométricas incorporadas a esse agrupamento. Sobre ele, desenvolveram-se sequências locais com preferências temáticas e comportamentos particulares no quartzito em relação ao que ocorre no calcário, onde o primeiro momento pintado se desenvolve em figuras mais complexas, feitas em bicromia, nos conjuntos Curral de Pedras 2 e da Lapa da Cabeça da Onça, mantendo a mesma temática básica e intensificando sobreposições.

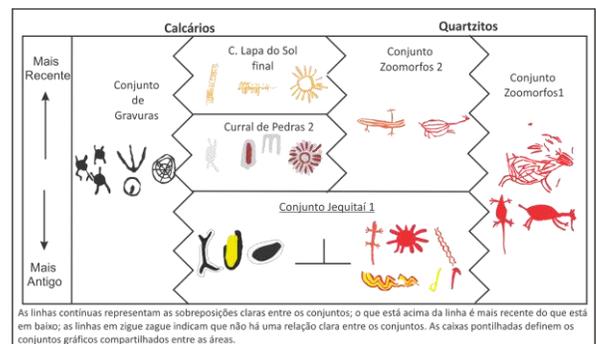


Figura 15. Ordenamento cronoestilístico dos grafismos rupestres de Jequitaiá/MG.

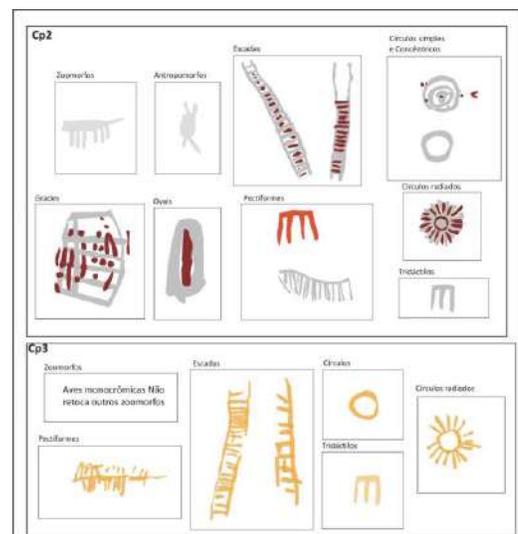


Figura 16. Repertório temático dos Conjuntos Curral de Pedras 1 e 2, caracterizados nas áreas calcárias

Nos quartzitos a sobreposição parece evitada, principalmente quando se tratam relações entre figuras geométricas, em locais de destaque, e zoomorfas, em posições discretas. Por outro lado, nos calcários observa-se primeiramente a manutenção temática ao longo da sequência local e a adição de novos elementos, como geométricos compostos e o retoque de figuras anteriores. É recorrente a sobreposição, nessa litologia, entre figuras geométricas, sendo algo procurado, ou pelo menos, não evitado.

A predominância dos grafismos geométricos do Conjunto Jequitaiá nas duas litologias e sua organização denotam que ele contém comportamentos gráficos distintos, adequados à construção de significados e à compreensão histórica dos elementos paisagísticos que integram cada área.

Nos quartzitos ele busca a visibilidade, concentrando-se por meio de figuras justapostas que podem ser vistas à distância sem que seja necessário se aproximar, exceto por temáticas específicas usualmente em locais pouco visíveis. Os zoomorfos, por outro lado, estão recorrentemente nas superfícies que exigem posicionamento corporal adequado para que sejam observados.

Nos calcários é necessário chegar até as entradas das cavidades, deitar-se, agachar-se ou posicionar-se adequadamente em pé para visualizar certas porções dos painéis para visualizar os grafismos. Como a aproximação é necessária, a visão de conjunto fica prejudicada, forçando o espectador a se movimentar à medida que observa o painel.

Dois universos distintos de recorrências se apresentam (temáticos e “comportamentais”), denotando que a lógica classificatória pode restringir a interpretação ou levar à separação de elementos semelhantes (RIBEIRO, 2007). Consideramos que as categorias são instrumentos e, por isso mesmo, adequados a determinadas realidades e menos a outras (PROUS, 1999). Se levarmos em conta todos os fatores citados, somos levados a crer que duas lógicas distintas podem ser aplicadas à arte rupestre de Jequitaiá, chegando a resultados distintos. Explorar ambas as possibilidades não é nosso objetivo nesse trabalho no entanto.

	Zoomorfos ("petes", "quadrípedes", "aves", "saurios")	Antropomórficos	Geométricos										
			"Grãos verticais"	Retângulos	Círculos Concêntricos, divididos, simples e radiados	Paralelogramos	Triângulos	Ovalis	"Grãos"	"Xmas"			
CZ1													
CZ2													
CJ1													
CP2													
CP3	Ases microscópicas não vistas sob o microscópio												
Cgrav													
Lapa da Onça													

Figura 17. Síntese temática dos conjuntos rupestres de Jequitaiá/MG.

A construção de significados historicamente coerentes, por um lado e a adoção de comportamentos específicos por outro,

colocam em foco o fato de que a diferença de litologias não se reflete no caráter formal da arte rupestre de Jequitaiá, como outros autores anteriormente sugeriram. Os comportamentos assumem esse papel, manifestando-se de acordo com o contexto no qual se inserem. Não dizemos aqui que um conjunto vai sempre se manifestar segundo um determinado comportamento em dada litologia. Afirmamos sim, que esses comportamentos são coerentes em cada área, são transestilísticos conforme as variáveis aqui adotadas e que cada conjunto se comporta gráfica e paisagisticamente de maneiras distintas em Jequitaiá de acordo com a existência ou ausência de outro agrupamento com temática contrastante.

5. Jequitaiá no cenário arqueológico do norte mineiro

Jequitaiá, encravada no centro-norte mineiro em meio a áreas já intensamente pesquisadas como Montes Claros, Vale do Rio Peruaçu e Cochá, Buritizeiro, Serra do Cabral e Diamantina, apresenta inúmeras particularidades. Não é de se espantar, que essas se manifestassem por meio de um repertório gráfico formal e comportamental já descrito nessas outras regiões, porém em situações e combinações distintas. Os conjuntos rupestres investigados em outros locais muitas vezes levam em consideração os elementos aqui analisados, tornando-os passíveis de comparação (SEDA, 1988; RIBEIRO; ISNARDIS, 1996; 1997; ISNARDIS, 2004; LINKE, 2008).

No centro norte mineiro, é já consagrada a atribuição de grafismos geométricos à Tradição São Francisco e os zoomórficos à Tradição Planalto, “Unidades Estilísticas” subdivididas em momentos cronoestilísticos. Tal atribuição pode também incluir a organização espacial e o sequenciamento cronoestilístico dos grafismos, criando um universo esperado de comportamentos e formas recorrentes em determinadas realidades arqueológicas.

Em Jequitaiá, relacionamos os conjuntos Jequitaiá, Curral de Pedras 2 e 3 e Lapa da Cabeça da Onça, assim como as Gravuras, à Tradição São Francisco e ao complexo Montalvânia, conforme a compreensão de Ribeiro (2007; 2008). Esses, no rio Peruaçu e Cochá, apresentam diferenças comportamentais e estilísticas preponderantes que favoreceram sua separação. A preferência pela realização de intensas sobreposições e também a justaposição entre grafismos estilisticamente semelhantes ocorre nessas áreas. A proposta da autora de que as duas Unidades Estilísticas integrariam um mesmo sistema de representações visuais é corroborada pela manutenção temática regional evidenciada nos sítios estudados em Jequitaiá (CJ1) e pela variação das escolhas preferenciais em relação às observadas noutras regiões, no mesmo conjunto (Tradição São Francisco). O conjunto Jequitaiá é então, o unificador, nesse contexto de comportamentos distintos, sem que seja possível identificar variações formais consideráveis que possibilitem sua separação.

Os conjuntos zoomórficos tendem a ser associados à Tradição Planalto, na qual predomina essa temática. Nas

demais regiões mineiras, essa pode ser acompanhada de antropomorfos e armas, usualmente compondo cenas de caça. A sobreposição é uma característica recorrente entre grafismos dessa unidade, sendo aparentemente procurada para a composição de novas figuras. Isso se observa especialmente entre cervídeos. A maior parte ocupa suportes verticais de destaque, principalmente nos momentos iniciais na região de Diamantina, Lagoa Santa/Serra do Cipó e na Serra do Cabral, apesar de existirem alguns sítios cujos grafismos fogem à essa característica.

A fuga à expectativa nos confunde em qualquer desses contextos, na medida em que determinadas características e escolhas parecem se sobrepujar à suposta norma formal e comportamental que recorrentemente define essas categorias.

É marcante o contraste entre os comportamentos de sobreposição em cada uma das áreas pesquisadas, já que os conjuntos zoomórficos diferem, em termos das escolhas e comportamentos associados à sua realização, daqueles descritos para a Tradição Planalto. Já as manifestações da Tradição São Francisco apresentam comportamentos distintos conforme a litologia: semelhantes ao já descritos, nos calcários e contrastante a eles nos quartzíticos.

Das relações particulares que os seres humanos estabeleceram com a paisagem - enquanto conjunto de formas historicamente acumuladas e observáveis -, surgiram significados numa interação que se constitui como processo. As opções estilísticas observadas em Jequitaiá levaram em conta as diferenças morfológicas regionais dos abrigos, sua posição na paisagem e possivelmente, a adequação da intenção de visibilidade dos grafismos, de acordo com a destinação simbólica e funcional específica dos conjuntos definidos em cada uma das áreas aqui estudadas.

Nossa hipótese atual é de que a convergência estilística observada nas áreas quartzíticas de Jequitaiá perpassa o reconhecimento de grafismos anteriormente realizados e pertencentes a estilos distintos e também, uma leitura dos processos históricos inscritos na paisagem. Em se tratando de uma região escassa de sítios arqueológicos a céu aberto e com uma densidade geralmente baixa de figuras por sítio, propomos que parte de suas ocupações estejam atreladas a sequências de curtas incursões de grupos culturais distintos em sua circulação pelo território. Conforme se observa nos relatos históricos, na região um importante caminho foi estabelecido durante o período colonial. Consideramos, que os caminhos são locais de significação da paisagem por excelência e que parte dos grupos humanos passa a maior parcela de seu tempo em deslocamento (INGOLD, 2007). Nesse caso, não os tratamos como uma linha que liga uma origem e um destino. Entendemos que os caminhos são *locus* importantes nas estratégias de vivência da paisagem e são também pontos de vista para a apreensão de sua historicidade.

Os sítios no quartzito se situam em áreas que orientam o movimento das pessoas no sentido leste-oeste, em razão do local onde se inserem, recursos disponíveis e existência de ocupações anteriores. Ao longo dos cânions, poucas trilhas são possíveis de serem realizadas, o que limita o universo de vias possíveis às margens dos córregos, onde estão os sítios, e aos topos de morro. A sua disposição ao longo do eixo das drenagens sugere que, oportunamente, alguns grafismos foram

realizados ao durante deslocamentos recorrentes e não em investidas únicas destinadas à sua realização. Em se tratando de uma região com recursos específicos, principalmente nas épocas de seca e em termos de matérias primas líticas, não podemos descartar a possibilidade de que a região de Jequitaiá tenha sido ocupada intermitentemente, seguindo a lógica de movimentação territorial de cada grupo e também a organização dos recursos pelo território.

Os caminhos oferecem também, recursos e paisagens específicas, distintas das regiões onde as Unidades Estilísticas foram descritas, exatamente por estarem atrelados a contextos específicos de uso do território que resultam na convergência de ocupações, as quais contribuem para a adoção de comportamentos gráficos diferenciados ao longo do tempo, seja em função do contato direto entre autores ou desses com figuras mais antigas. Nesses termos, defendemos que os caminhos historicamente descritos em Jequitaiá se estendem possivelmente ao período pré-colonial, inserindo-os num horizonte paisagístico de longa duração. Não pretendemos reduzir as interpretações acerca da região a essa hipótese, sendo que novos dados vêm colocando outras possibilidades interpretativas.

A mudança nas relações de sobreposição existentes em cada área evidencia também essa questão. Observamos que nos locais onde há homogeneidade temática ao longo do tempo em Jequitaiá, há uma tendência à intensificação de sobreposições, o que ocorre principalmente nos calcários. Tal comportamento se associa de maneira mais coerente àqueles observados em outras regiões onde existem elementos da Tradição São Francisco. As paisagens calcárias parecem pertencer a um contexto de ocupação distinto, menos ligados a caminhos. Notamos uma tendência ao adensamento e à complexificação do universo gráfico nessas áreas, com manutenção de diversos elementos temáticos e de escolhas em alguns sítios. Assim como nas áreas quartzíticas, no entanto, a ocupação dos abrigos é difusa, havendo vários sítios com poucas figuras pintadas ou gravadas. Existe um caráter oportunístico na ocupação de alguns deles em razão de sua baixa densidade, mas a homogeneidade intra e interestilística denota um esforço mais sistemático de realização de grafismos em alguns sítios, mantendo os mesmos elementos gráficos e comportamentos básicos durante as distintas ocupações.

No cenário atual, buscamos compreender melhor as diferentes formas de ocupação das paisagens de Jequitaiá, partindo da compreensão de que cada uma delas caracteriza uma fração paisagística historicamente coerente, nas quais não somente os abrigos ocupados mas também os espaços sem vestígios entre eles são importantes para o aprofundamento das análises. A paisagem se torna unificadora de grupos de grafismos especialmente segmentados, mas cronoestilisticamente correlatos, tornando cada sítio uma unidade menor que a integra e que ganha mais sentido quando equiparado aos demais lugares. Jequitaiá, nestes termos, não é caracterizada por sítios isolados, mas por conjuntos relacionais integrados de vestígios que se articulam com outros não somente por meio de associações diretas intra-sítio, mas também através da mediação de significantes, significados e comportamentos específicos, que trazem novos

elementos relativos à trajetória histórica da paisagem arqueológica regional.

Já vimos realizando análises integradas, utilizando a paisagem como recorte arqueológico e cada sítio como um painel ou conjunto de painéis no interior dessa paisagem, que estão em relação direta com o processo que a constitui. Publicações futuras deverão aprofundar essa discussão. No momento atual, nossos resultados nos levam a tratar Jequitaiá, assim como outras áreas onde convergências e contrastes semelhantes ocorrem, como peças chave na compreensão das atitudes e relações específicas estabelecidas entre Unidades Estilísticas distintas, à medida em que a interação entre elas decorreu em escolhas diferentes daquelas usualmente tratadas como regra. Por outro lado, as especificidades de cada área fazem com que novos estudos sejam necessários para que se aprofundem e diversifiquem a coleta de dados e as interpretações decorrentes.

REFERÊNCIAS

- [1] ALKMIM, F. F.; BRITO-NEVES, B. B.; ALVES, J. A. C. Arcabouço tectônico do Cráton do São Francisco: uma revisão. In: DOMINGUEZ, J. M. L.; MISI, A. (). **O Cráton do São Francisco**: reunião preparatória do II simpósio sobre o Cráton do São Francisco. Salvador: SBG/Núcleo BASE/SGM/CNPq, p. 45-62, 1993.
- [2] ALLEY, R. E. **Algorithm Theoretical Basis Document for Decorrelation Stretch**. NASA. Pasadena. 1996.
- [3] BASSI, L. F. **Tecnologia lítica: Análise diacrônica dos níveis mais antigos do sítio arqueológico Bibocas II, Jequitaiá MG**. Belo Horizonte: PPGAN-UFMG, v. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Linha de Pesquisa: Arqueologia Pré-Histórica, 2012.
- [4] BENEŠ, J.; ZVELEBIL, M. A historical interactive landscape in the heart of Europe: the case of Bohemia. In: UCKO, P. ; L. R. **The Archaeology and Anthropology of Landscape**. London: Routledge, p. 74-94, 1999.
- [5] BOAS, F. **Primitive art**. New York: Dover Publications, inc, 1955.
- [6] BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico no tempo de Felipe II**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- [7] BRAUDEL, F. **Escritos sobre a História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.
- [8] CARVALHO, E. T. D.; CHEUCHE, L. M. T. Pesquisa arqueológicas na região do Médio São Francisco Mineiro. **Boletim do Instituto Arqueológico Brasileiro** v.7, Rio de Janeiro, 21-52, 1975b.
- [9] COBB, C. R. Social Reproduction and the Longue Durée in the Prehistory of the Midcontinental United States. In: PREUCCEL, R. W. (Org). **Processual and Postprocessual Archaeologies**: multiple ways of knowing the past. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, p. 168-181, 1991.
- [10] CRIADO BOADO, F. **Límites y posibilidades de La Arqueología Del Paisaje**. SPAL 2, 9-55, 1993.
- [11] DARDENNE, M. A. Síntese sobre a estratigrafia do Grupo Bambuí no Brasil Central. **Anais Congresso Brasileiro de Geologia** 30, v2., Recife, 597-610, 1978.
- [12] DARVILL, T. The historic environment, historic landscapes, and space-time-action models in landscape archaeology. In: UCKO, P. ; L. R. **The Archaeology and Anthropology of Landscape**. London: Routledge, 1999.
- [13] DIAS JÚNIOR, O. F. Programa de pesquisas Arqueológicas no estado de Minas Gerais - Varzelândia 1988. **Anais da Quinta Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: UNESA. 1992.
- [14] DIAS JÚNIOR, O. F.; CARVALHO, E.; CHEUCHE, L. A arte rupestre do Vale do São Francisco em Minas Gerais. **Anais do XLII Congresso de Americanistas** (mimeo, ilustr.). Paris: [s.n.]. s/d.
- [15] ENGECORPS. **Estudo de Impacto Ambiental: Projeto Jequitaiá**. Brasília: Codevasf, 2005.
- [16] ENGEVIX. **Projeto Jequitaiá**. Estudo de Impacto Ambiental. Belo Horizonte: CODEVASF, 1996.
- [17] FRAHM, J.-M. et al. **Building Rome on a Cloudless Day**. ECCV. [S.l.]: [s.n.]. 2010.
- [18] GONÇALVES, F. A. **Morfodinâmica de um Carste Suspenso e Evolução Geomorfológica de Longo Termo. Uma aproximação baseada no caso do setor oeste do Curral de Pedras I / Jequitaiá - MG** Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Instituto de Geociências - UFMG - Mestrado em Geografia, 2013.
- [19] GONCALVES, F.; MAGALHAES, A.; RODET, J. Caracterização de pequenos poljes no Curral de Pedras (Jequitaiá MG). In: **I Simposio Mineiro do Carste: o carste em todos os seus estados**. Saint-Martin-aux-Buneaux (Fr): Editions du CNEK., p. 27-27, 2011.
- [20] HARMAN, J. **Using Decorrelation Stretch to Enhance Rock Art Images**. American Rock Art Research Association Annual Meeting. [S.l.]: [s.n.]. 2005.
- [21] HODDER, I. Style as historical quality. In: CONKEY, M. W. ; H. (Org.) **The uses of style in**

- archaeology**. New York: Cambridge University Press., 1990.
- [22] INGOLD, T. **The Perception of the Environment: Essays in Livelihood, Dwelling and Skill**. London: Routledge, 2000.
- [23] INGOLD, T. **Lines: a brief history**. Oxon: Routledge, 199 p, 2007.
- [24] ISNARDIS, A. **Lapa, Parede, Paineis – distribuição das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas** (Alto- Médio São Francisco, Minas Gerais). São Paulo: MAE/USP, 2004.
- [25] LI, X. et al. **Modeling and Recognition of Landmark Image Collections Using Iconic Scene Graphs**. ECCV. [S.l.]: [s.n.]. 2008.
- [26] LINKE, V. **Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina-MG**. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: Instituto de Geociências – Universidade Federal de Minas Gerais., 2008.
- [27] LINKE, V.; ISNARDIS, A. Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da Tradição Planalto, na região de Diamantina (Brasil Central). **Revista de Arqueologia** (Belém), 21, 27-43, 2008.
- [28] LORBLANCHET, M. Finalité du relevé. In: SCIENTIFIQUES, C. D. T. H. E. **L'art pariétal paléolithique, techniques et méthodes d'étude**. Paris: [s.n.], p. 329-337, 1993.
- [29] MARTIN, Y. Relevé Graphique sur support transparent. In: _____ **L'art pariétal paléolithique, techniques et méthodes d'étude**. Paris: édition du comité des Travaux Historiques et Scientifiques, p. 329-337, 1993.
- [30] ORTON, C. **Sampling in archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 210 p, 2000.
- [31] PAULA, F. L. D. (Org.). Catálogo dos sítios (Minas Gerais). **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.**, Belo Horizonte, 4/5, 201-296, 1979/80.
- [32] POHL, J. E. **Viagens no interior do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1976.
- [33] PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasileira: UnB, 1992.
- [34] PROUS, A. Objetivos e Metodologia. **Arquivos do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais.**, 9-18, 1996/97.
- [35] PROUS, A. As categorias estilísticas nos estudos da Arte Pré-Histórica: arqueofatos ou realidades? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Suplemento 3., 251-261, 1999.
- [36] PROUS, A.; LANNA, A. L.; PAULA, F. L. D. Estilística e cronologia na arte rupestre de Minas Gerais. **Pesquisas: série Antropologia** (Estudos de Arqueologia e Pré-História Brasileira em homenagem de T. A. Rusins) No 31, São Leopoldo, 1980.
- [37] RIBEIRO, L. Repensando a tradição: a variabilidade estilística na arte rupestre do período intermediário de representações no alto-médio rio São Francisco. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia** v. 17, 117-127, 2007.
- [38] RIBEIRO, L. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). **Revista de Arqueologia** v. 21(2), Belém, 51-72, 2008.
- [39] RIBEIRO, L.; ISNARDIS, A. Os Conjuntos Gráficos do Alto – Médio São Francisco (Vale do Peruaçu e Montalvânia) – caracterização e seqüências sucessórias. **Arquivos do Museu de História Natural**, 17/18., Belo Horizonte, 243-286, 1996/97.
- [40] RODET, J.; GONÇALVES, F. **Prémices d'une approche géoarchéologique et karstologique de la région de Jequitai** (Minas Gerais, Brésil). Coleção Carso Brasiliensis. ed. Saint Martin aux Buneaux: Editions du CNEK, 2012.
- [41] ROUZAUD, F. Applications de la Stereophotographie. In: SCIENTIFIQUES, É. D. C. D. T. H. E. **L'art pariétal paléolithique, techniques et méthodes d'étude**. Paris: [s.n.], 1993. p. 355-357.
- [42] SAHLINS, M. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- [43] SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- [44] SEDA, P. R. G. **A caça e a arte**. Rio de Janeiro: UERJ, v. Tese de doutoramento., 1988.
- [45] TOBIAS JR., R. **A arte rupestre de Jequitai entre práticas gráficas “padronizadas” e suas manifestações locais: Intersecções Estilísticas no Sertão Mineiro**. Belo Horizonte: FAFICH/ UFMG, 320 p., 2010.
- [46] WIESSNER, P. Style and social information in Kalahari San projectile points. **American Antiquity**. Vol. 49, 253-276, 1983.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente a todos aqueles que participaram das coletas de dados e análises dessa pesquisa, especialmente ao Prof. Dr. André Prous, Dra. Profa. Maria Jacqueline Rodet, Prof. Dr. Andrei Isnardis e aos amigos do Setor de Arqueologia que se engajaram em todo o processo: Frederico Gonçalves, Marcio Antônio Comandante, Vanessa Linke, Rafael Miranda, Luiza Câmpera, LuísBassi e Martha de Castro. Não podemos nos esquecer de nossos facilitadores e grandes amigos jequitaienses: Nozão e Reinaldo, sem os quais teríamos enfrentados dificuldades muito maiores e teríamos aprendido muito menos sobre a vida no sertão.

“E me cerro, aqui, mire e veja. Isto não é o de um relatar passagens de sua vida, em toda admiração. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras. Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barraqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro. O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece – parece é um pau grosso, em pé, enorme... Amável o senhor me ouviu, minha ideia confirmou: que o Diabo não existe. Pois não? O senhor é um homem soberano, circunspecto. Amigos somos. Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é homem humano. Travessia.

João Guimarães Rosa – Grande Sertão: veredas

Jequitai's Rock Art: Internal Relations in Opposition of The Central North Minas Gerais Archaeological Context

Rogério Tobias Junior¹

¹ Archaeologist. Reseacher at UFMG.

Abstract This paper synthesizes our descriptive and analytical approach and our first interpretive attempt towards the Jequitai/MG rock art, located in the São Francisco basin, Minas Gerais, Brazil. As this region is surrounded by other archaeological intensively surveyed and researched areas, we investigated the relationships previously proposed by other authors and aim to understand how different local graphics sets could be articulated with the major Stylistic Units already proposed. Here we present the first elements required for the integration of the Jequitai region to its macro regional archaeological context, while seeking to understand the idiosyncrasies in the rock art record, as they are participants in the landscape process.

Key words: Rock Art, Jequitai, Landscape, Stylistic Analysis; Graphic Behavior.

Informações sobre o autor

Rogério Tobias Junior

Endereço para correspondência: Rua Três, 175, Nova Pampulha. Ribeirão das Neves. MG. CEP: 33937-125.

E-mail: rogeriotobias@oi.com.br

Link para currículo: <http://lattes.cnpq.br/1620196384648138>